



OS GUINNESS

**SETE
PECADOS
CAPITAIS**

Navegando
através do caos
em uma era
de confusão
moral



Orgulho (*superbia*) versus pobreza de espírito



O primeiro, o pior e o mais predominante dos sete pecados capitais é o orgulho. Ele é a fonte ou o componente primordial de todos os demais pecados. O orgulho é ainda o primeiro dos pecados do espírito que são considerados “frios”, porém altamente “respeitáveis”. Sua origem não está no mundo nem na carne, mas no próprio Diabo. Esse primeiro vício é único, pois é o vício do qual seu perpetrador, com frequência, não tem consciência.

Essa visão clássica de orgulho é compartilhada por judeus, cristãos e gregos (como exemplo, temos a noção grega de insolência ou arrogância jactanciosa), porém ataca as atitudes modernas. O mundo contemporâneo achou duas formas de transformar esse vício em virtude, e elas não podem ser ignoradas. A forma mais comum é mudar sua definição, confundir orgulho com respeito próprio – fazer com que ser contra o orgulho seja visto como prejudicial à saúde. Afinal, é correto ter orgulho de si mesmo. É prejudicial não ter auto-estima. Portanto, por que o orgulho deveria ser considerado pecado?

ORGULHO OU RESPEITO PRÓPRIO?

Respeito próprio é ter fé na idéia de Deus ao nos criar.

— ISAK DINESEN, *OUT OF AFRICA* [ENTRE DOIS AMORES] E *SHADOWS ON THE GRASS* [SOMBRAS PASSEIAM PELA GRAMA]

Mas o orgulho como pecado capital, não é o orgulho no sentido de respeito próprio, uma percepção justificável de valor próprio. Com certeza, há problemas na preocupação moderna relacionada ao auto-respeito, especialmente quando isso leva a práticas como elevar as notas escolares ou reescrever a história a fim de levantar a auto-estima de um indivíduo ou grupo.



Também há perigo nos ditos correntes como: “sentir-se bem”, “levantar a auto-estima de alguém” ou ainda “construir auto-estima positiva”, pois são usados, na maioria das vezes, para encobrir condições de todos os tipos com as quais a pessoa não deveria se sentir bem. Contudo, esse também não é o problema real do orgulho.

VÍCIO OU VIRTUDE?

O orgulho sempre foi uma de minhas virtudes prediletas. Nunca o considere um grande pecado, exceto em certos casos, ... desprezo tudo que reduz o orgulho do homem.

— DAME EDITH SITWELL

A forma mais surpreendente de transformar um vício em virtude é impugnar sua motivação. Visto dessa maneira, conforme defendido por Friedrich Nietzsche e seus seguidores, o ataque ao orgulho é uma máscara para encobrir o ressentimento do fraco. Apelos ao “amor” e à “compaixão” são, portanto, uma tapeação – a racionalização nobre pela qual a classe escrava pode restringir com nobreza, excelência e “orgulho” o poder da classe dominadora.

A VIRTUDE DO SUPER-HOMEM

‘O homem é mau’ – todos os homens mais sábios me disseram isso a fim de me confortar. Oh! Se ao menos isso fosse verdade hoje! Pois o mal é a força do homem.

‘O homem precisa melhorar e se tornar mais perverso’ – é isso que ensino. É necessário maior perversidade para haver maiores realizações do super-homem.

Provavelmente, foi bom que o sábio dos pobres tenha sofrido e tomado sobre si os pecados da humanidade. Eu, por outro lado, regozijo-me nos grandes pecados para minha consolação.

— FRIEDRICH NIETZSCHE, *ASSIM FALAVA ZARATRUSTA*, IV

Indo de encontro a ambas as alterações, a perspectiva clássica cristã afirma que o orgulho pecaminoso é errado e mortífero, pois é desordenada e arrogante. Como definido pelo Dicionário Inglês de Oxford: o orgulho é “uma presunção irracional de superioridade”, uma “opinião arrogante das qualidades de si mesmo”. Considere os seus sinônimos: presunção, arrogância, insolência, egoísmo, vaidade, altivez, soberba, jactância, obstinação, satisfação própria, egocentrismo e outros. Nenhum destes é considerado admirável.

DEFINIÇÃO DO “EU”

Eu — A pessoa mais importante do universo.

Egoísta — Desprovido de consideração quanto ao egoísmo dos outros.

Auto-estima — Uma avaliação errônea.

— AMBROSE BIERCE, *THE DEVIL’S DICTIONARY* [DICIONÁRIO DO DIABO]

Visto por esse prisma, nada divide mais categoricamente a ética judaica, cristã e clássica da ética secular moderna que suas atitudes contrastantes em relação ao orgulho.

Em muitos outros aspectos, o orgulho, raramente, é um problema essencial. No entanto, os gregos alertavam em relação à insolência ser uma arrogância exacerbada que cria a ilusão de invulnerabilidade. Do ponto de vista bíblico, o orgulho é a violação e a desordem fundamental do amor, pois põe o amor próprio à frente do amor a Deus. Ele quebra o primeiro grande mandamento: “Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento”, e, inevitavelmente, quebra o segundo grande mandamento: “Ame o seu próximo como a si mesmo”. A diferença entre esses dois grandes mandamentos, com certeza, é instrutiva. Devemos amar nosso próximo como a nós mesmos, e a baixa auto-estima leva, muitas vezes, a um amor pobre para com o próximo, porém não pode se dizer o mesmo do amor a Deus. Não nos é pedido para amar a Deus como a “nós mesmos”, mas pelo que ele é, e, com frequência, o amor a Deus e o amor próprio se chocam.

POR AMOR A SI MESMO

Ah, quantas coisas uma pessoa não é capaz de fazer por amor – a si mesmo!

— DITADO JUDAICO

Egoísta — Uma pessoa com mau gosto, mais interessada nela do que em mim.

— AMBROSE BIERCE, *THE DEVIL'S DICTIONARY* [DICIONÁRIO DO DIABO]

A boa educação consiste em ocultar o quanto pensamos de nós mesmos e quão pouco pensamos dos outros.

— MARK TWAIN

Um pronome pessoal ambulante.

— DEFINIÇÃO DE VICTOR HUGO

Se fosse possível todo homem gostaria de ser Deus; uns poucos têm dificuldade em admitir sua impossibilidade.

— BERTRANT RUSSELL

Figuras e metáforas

Ao longo da história cada um dos sete vícios foram retratados, por associação, a diferentes partes do corpo, animais e cores. De maneira característica, descreve-se o orgulho por meio de imagens que sugerem altivez, indiferença e inacessibilidade.

Angus Wilson compara o orgulho ao nariz do camelo. O jornalista Henry Fairlie denomina o orgulho de “arrogante, inflado, convencido, teimoso”. Para poetas e artistas medievais, o orgulho era considerado o rei ou a rainha dos vícios. Retratado, em geral, como um leão, uma águia, um pavão pomposo ou um homem ou uma mulher vaidosos.



Aplicações práticas

Uma vez que o orgulho é a origem principal de todos os outros pecados, a lista de seus possíveis exemplos é infindável. O orgulho, enraizado na própria essência do pecado – “o reivindicar o direito a mim mesmo” – encontra-se, inevitavelmente, ligado à hipocrisia e à rejeição – “a reivindicação de meu direito de ver as coisas da minha perspectiva, qualquer que seja a realidade”. Como tal, está também ligado à insolência – “a arrogância da ilusão da invulnerabilidade” – e, portanto, ao avanço histórico da loucura, varrendo nações e indivíduos.

PARA SEMPRE E SEMPRE... AMÉM

O destino dos Estados Unidos da América é ser a nação mais rica, mais livre e mais poderosa do mundo e permanecer assim para sempre.

— IRVING KRISTAL, 1998

A economia dos Estados Unidos, provavelmente, não verá recessão por muitos anos. Não queremos recessão, não precisamos de recessão e como temos as ferramentas para manter a expansão corrente em progressão, não teremos recessão. Esse desenvolvimento continuará para sempre.

— DR. RUDL DORNBUSCH, PROFESSOR DO M.I.T. [MASSACHUSETTS INSTITUTE OF TECHNOLOGY]

A promessa do nosso futuro é ilimitada.

— PRESIDENTE CLINTON, 1999, EM DISCURSO ANUAL DO PRESIDENTE DOS E.U.A. AO CONGRESSO.

Mas isso é apenas o começo. Encontra-se o orgulho em formas individuais como, por exemplo, as neuroses comuns e a completa preocupação narcisista consigo mesmo. Também é encontrado em formas coletivas como, por exemplo, o grupo de nacionalistas orgulhosos, o tribalismo, o jingoísmo e o racismo. Vê-se ainda o orgulho nos grandes atos criminosos da história que, basicamente, são o pivô da orgulhosa falta de simpatia e de sentimento de fraternidade por outros seres humanos (ilustrada na leitura a seguir). Contudo, muitas vezes, ele se entra sorrateiro em nossos empreendimentos mais nobres e mais ousados.

Em resumo, o orgulho pode permear tudo o que fazemos. O pior de tudo, como alerta Dorothy Sayers: “A estratégia diabólica do orgulho é que ele não ataca nossos pontos mais fracos, mas sim nossos pontos mais fortes. Ele é de forma preeminente o pecado da nobreza”.

VENENO PODEROSO

No homem, o orgulho é a fortaleza do mal.

— VICTOR HUGO

O orgulho é um veneno poderosíssimo a ponto de envenenar não apenas as virtudes, mas até mesmo os outros vícios. Os homens pobres na taberna pública sentem isso quando toleram o beberão, ou o informante, ou, até mesmo, o ladrão, porém sentem algo diabolicamente errado em relação ao homem que possui tão grande

semelhança com o Deus Todo-Poderoso. E todos nós temos a ciência que, de fato, o orgulho, pecado primário, tem um efeito curioso sobre os outros pecados, um efeito de congelamento e endurecimento.

— G. K. CHESTERTON, "IF I HAD ONLY ONE SERMON TO PREACH" ["SE EU FOSSE PREGAR APENAS UM SERMÃO"]

Há outro tema que não podemos perder de vista. O orgulho está acoplado à impaciência e ao descontentamento. A razão encontra-se no centrar em si mesmo e na suposta auto-suficiência. Uma vez que o ser humano individual é pequeno e muito frágil, a auto-suficiência genuína é impossível e, portanto, o descontentamento é inevitável para o orgulho. Sempre precisamos de algo além de nós mesmos e temos muitas coisas a desejar, portanto, o contentamento preconiza uma miragem. Como Narciso que se apaixonou pelo próprio reflexo, em uma nascente, e, em conseqüência, morreu de frustração por um amor próprio que nunca pôde ser consumado, assim também é inevitável a frustração das pessoas orgulhosas, enamoradas por si mesmas.

A famosa oração de Agostinho oferece o antídoto para isso: "Fizeste-nos para ti, e nosso coração permanece irrequieto até que encontre repouso em ti". O contraponto do orgulho, que trataremos adiante com mais profundidade, é a bem-aventurança: "Bem-aventurados os pobres em espírito".

C. S. LEWIS

Clive Staples Lewis (1898-1963) foi acadêmico, escritor e um notório e muito amado apologista cristão. Nasceu em Belfast, Irlanda do Norte, e estudou no University College, em Oxford. Após breve serviço militar na Segunda Guerra Mundial, terminou seus estudos em Oxford onde se tornou membro da sociedade literária de língua inglesa e professor de literatura no Magdalen College. Nos últimos sete anos de sua vida foi professor da Universidade de Cambridge, porém insistia em morar em Oxford.

Em sua área, Lewis foi um acadêmico por excelência, porém sua grande reputação deve-se a seus escritos populares. Sua obra tem 36 títulos disponíveis com bem mais de 50 milhões de cópias — o que faz de Lewis o autor cristão com o maior número de vendas de todos os tempos. Sua obra literária *The Allegory of Love* [*A alegoria do amor*] foi premiado com o Prêmio de Hawthornden, em 1936, no entanto, ele se tornou popular por meio de livros como *The Screwtape Letters* [*Cartas do diabo ao seu aprendiz*] e *Cristianismo puro e simples* e, depois, por meio de suas histórias infantis *As crônicas de Nárnia* e sua trilogia de ficção científica. Lewis, conhecido pelos amigos como Jack, foi fundador dos Inklings, grupo de discussão que se encontrava regularmente em seus aposentos ou no bar, *The Eagle and Child*, em Oxford. Outros escritores talentosos como J. R. R. Tolkien, Charles Williams e Dorothy Sayers também faziam parte do Inklings.

Lewis, John F. Kennedy e Aldous Huxley morreram no mesmo dia, 22 de novembro de 1963.

Expressivo número de pessoas chegou à fé cristã, ou foi socorrido em sua fé, por intermédio dos escritos de Lewis que sempre têm algumas passagens que se tornam as preferidas de todos. A passagem que se segue vem do livro *Cristianismo puro e simples*, por meio do qual mais pensadores vieram à fé que por qualquer outro livro no século XX. Em contraste com os escritos mais famosos sobre os sete pecados capitais, as obras de Lewis vêm a nós não do mundo antigo, mas de um tempo próximo ao nosso. Ainda assim, a peça literária, a seguir, mesmo moderna e, aqui, fora de sua seqüência histórica é provavelmente o melhor sumário da posição cristã sobre o orgulho.

MEU HOMEM HONRADO

Andar de bicicleta e se exibir.

— LISTA DOS PASSATEMPOS DE GEORGE BERNARD SHAW EM *WHO'S WHO*

Com a única exceção de Homero, não há escritor eminente, nem mesmo Sir Walter Scott, que eu possa desprezar como desprezo Shakespeare, quando comparo minha mente à dele.

— GEORGE BERNARD SHAW

Quanto mais vivo mais vejo que nunca estarei errado a respeito de nada, o que tão humildemente fiz com tanto esmero para ratificar minhas idéias tem apenas gasto meu tempo.

— GEORGE BERNARD SHAW

Bernard Shaw descobriu a si mesmo e concedeu, generosamente, parte de sua descoberta ao mundo.

— SAKI

O grande pecado

Agora vamos abordar aquela parte da moral cristã que difere mais nitidamente das outras morais. Há um pecado do qual ninguém neste mundo escapa; um pecado que todos detestam nos outros e do qual quase ninguém, exceto os cristãos, tem a consciência de que o comete. Sei de pessoas que admitem ter mau gênio, que sabem que perdem a cabeça em se tratando de mulher ou de bebida, e que reconhecem até mesmo que são covardes. Mas esse pecado de que estou falando, acho que nunca encontrei ninguém, não cristão, que admitisse tê-lo praticado. E, ao mesmo tempo, como é difícil encontrar pessoas (não cristãs) que demonstrem um mínimo de benevolência para com os que o cometem! Não há falta que torne a pessoa mais impopular, nem falta de que tenhamos menos consciência, em nós mesmos. E quanto mais tivermos essa falta em nós mesmos, tanto mais ela nos desagradará nos outros.

O pecado a que me refiro é o *orgulho* ou presunção; a virtude que lhe é oposta, na moral cristã, chama-se humildade. Talvez você se recorde de que, ao falar da moral sexual, disse que esta não constituía o centro da moral cristã.

Bem, agora chegamos ao centro. De acordo com os mestres do Cristianismo, o pecado principal, o supremo mal, é o orgulho. A falta de pureza, a ira, a ganância, a embriaguez e tudo o mais, em comparação com ele, são ninharias. Foi pelo orgulho que o demônio tornou-se demônio. O orgulho conduz a todos os outros pecados: é o mais completo estado de alma anti-Deus.

Você acha que eu estou exagerando? Se acha, pense bem no caso. Observei há pouco que quanto mais orgulho se tem, mais esse pecado nos desagrada nos outros. De fato, se quisermos descobrir o quanto somos orgulhosos, o método mais fácil é perguntar a nós mesmos: “Quanto me desagrada ver os outros me desprezarem, recusarem-se a me dar qualquer atenção, intrometerem-se em minha vida, tratarem-me com ares paternos, ou se exibirem com ostentação?” O problema é que o orgulho de cada um compete com o orgulho de todos os demais. É porque eu queria ser o “destaque” da festa que me aborreço todo, quando um outro é que ficou em proeminência. Dois bicudos não se beijam. Bem, o que precisamos ver claramente é que o orgulho é *essencialmente* competidor; é competidor por sua própria natureza, enquanto que os outros pecados são, por assim dizer, competidores apenas por acaso. O orgulho não sente prazer em possuir algo, mas apenas em possuir *mais* do que o próximo. Dizemos que alguém tem o orgulho de ser rico, ou de ser inteligente, ou de ter boa aparência, mas não é assim. A pessoa tem o orgulho de ser mais rica, mais inteligente, ou de melhor aparência do que os outros. Se todo o mundo se tornasse igualmente rico, inteligente ou de boa aparência, não haveria nada do que se orgulhar. É a comparação que nos torna orgulhosos: o prazer de estar por cima dos outros. Não havendo o fator competição, o orgulho desaparece. Esta é a razão pela qual eu disse que o orgulho é essencialmente competidor de uma maneira em que os outros pecados não o são. O instinto sexual poderá levar dois homens à competição, se ambos desejarem namorar a mesma garota. Mas isso é apenas acidental; poderiam da mesma forma ter desejado duas garotas diferentes. Contudo, o homem orgulhoso procurará tirar a garota do outro, não porque a queira, mas para provar a si mesmo que é melhor do que o outro. A ganância poderá levar à competição se não houver o bastante para todos; mas o orgulhoso, mesmo depois de ter mais do que desejava, tentará conseguir ainda mais para afirmar o seu poder. Quase todos os males do mundo atribuídos à ganância ou ao egoísmo são, na verdade, muito mais o resultado do orgulho.

[...] Os cristãos têm razão: o orgulho tem sido a principal causa da miséria em todas as nações e em todas as famílias desde que o mundo é mundo. Outros pecados, às vezes podem unir as pessoas: pode-se encontrar companheirismo, brincadeiras e afabilidade entre os que se dão à embriaguez ou que são devassos. Mas o orgulho sempre significa inimizade: *é* inimizade. E não apenas inimizade entre um homem e outro, mas inimizade contra Deus.

Em Deus, vamos contra algo que nos é infinitamente superior em todos os aspectos. A menos que reconhecamos a Deus como tal e, portanto, que reconhecamos a nós mesmos como um nada em comparação a ele, não conhecemos a Deus, absolutamente. Enquanto permanecermos orgulhosos, não poderemos conhecer a Deus. Um orgulhoso está sempre olhando de cima para pessoas e coisas; e, é claro, quem está olhando para baixo não pode ver o que está acima de si mesmo.

Surge então um terrível problema. Como é possível haver pessoas evidentemente corroídas pelo orgulho, que dizem crerem em Deus, e que se têm na conta de muito religiosas? Em muitos casos pode ser que adorem a um Deus imaginário. Teoricamente admitem que nada são em relação a esse Deus fantasma, mas estão sempre a imaginar que em tudo são por ele aprovadas, e que por ele são consideradas muito melhores do que as pessoas comuns. Ou, então, tributam um mínimo de orgulho em relação a seus semelhantes. Creio que era nessa gente que Cristo pensava, ao dizer que alguns pregariam em seu nome e em seu nome expulsariam demônios, apenas para que lhes seja dito no fim do mundo que ele nunca os conheceu. E qualquer um de nós pode cair nessa armadilha mortal a qualquer momento. Felizmente temos um teste à nossa disposição. Se acontecer de acharmos que a nossa vida espiritual nos faz pensar que somos bons ou que, sobretudo, nos faz pensar que somos melhores do que os outros, podemos ter certeza de que Deus não está atuando em nossas vidas, mas sim o demônio. A verdadeira prova de estar na presença de Deus é o fato de nos esquecermos completamente de nós mesmos, ou de nos considerarmos um pequeno e vil objeto. É preferível esquecermo-nos completamente.

É terrível que o pior dos pecados possa penetrar sorrateiramente até atingir bem o centro da nossa vida espiritual! Mas pode-se saber a razão. Os outros pecados, menos maus, provêm da atuação do diabo em nossa natureza animal. Mas este não penetra em nós através de nossa natureza animal, absolutamente. Vem diretamente do inferno! É puramente espiritual e, conseqüentemente, muito mais sutil e mortal. Também, por causa disso, o orgulho pode ser usado muitas vezes para derrotar os pecados mais simples. Os professores apelam muitas vezes ao orgulho (ou, como dizem, ao “amor próprio”) dos seus alunos, para que procedam de forma apropriada; muita gente tem vencido assim a covardia, a luxúria e o mau gênio, aprendendo a pensar que essas coisas não condizem com a sua dignidade, ou seja, é por orgulho que procedem! O demônio ri. Ele fica muito contente ao ver alguém casto, corajoso e controlado, contanto que esteja construindo na pessoa a ditadura do orgulho. É como no caso de que ele ficaria muito contente por ver alguém curado de um resfriado, se lhe fosse possível dar em troca o câncer. Porque o orgulho é um câncer espiritual: devora toda a possibilidade de amor, de contentamento ou até mesmo de senso comum.

Antes de deixar este assunto, preciso precaver-me contra alguns mal-entendidos:

(1) O prazer de ser louvado não é orgulho. A criança que recebe sinais de afeto por ter feito bem a lição; a mulher cuja beleza é louvada por aquele a que ama; a alma que se salvou e à qual Cristo diz: “Muito bem, servo bom e fiel”; todos esses são, e devem ser agraciados. Pois aqui o prazer reside não no que somos, mas em agradar a quem desejamos (com toda razão) agradar. O mal começa quando, depois de pensarmos: “Eu o agradei, que bom”, passarmos a pensar: “Como eu sou bom, já que agi assim!”. Quanto mais nos comprazemos em nós mesmos, e menos no louvor, tanto pior nos tornamos. Quando nos comprazemos totalmente em nós mesmos e não nos importamos mais com o louvor, atingimos o fundo. Esta é a razão pela qual a vaidade, mesmo sendo a espécie de orgulho que se manifesta mais exteriormente, é na verdade a menos má e a mais perdoável. A pessoa vaidosa deseja louvor, aplauso e admiração em demasia, e está sempre à procura disso. É uma falta, mas uma falta infantil e mesmo (estranhamente) uma falta humilde. Mostra que ainda não nos contentamos completamente conosco mesmos. Valorizamos as outras pessoas o suficiente para querer que olhem para nós. De fato, somos ainda humanos. O orgulho verdadeiramente negro e diabólico aparece quando olhamos tão de cima para os outros que não nos importamos com o que pensam de nós. É claro que é certo, e muitas vezes é nosso dever, não nos importarmos como que os outros pensam de nós, se assim procedermos por uma razão justa: por nos importarmos muitíssimo mais com o que Deus pensa. O orgulhoso, porém, tem uma outra razão para não se importar. Diz: “Por que devo me importar com o aplauso dessa plebe rude, como se a opinião dela fosse de algum valor? E mesmo que tivesse algum valor, eu não sou do tipo que se ruboriza de alegria por causa de um elogio, como uma adolescente com o seu primeiro namorado. Sou uma personalidade formada, adulta. Tudo o que fiz para realizar os meus próprios ideais, ou a minha consciência artística, ou as tradições de minha família ou, numa palavra, porque sou assim mesmo. Se a turma aprecia o que fiz, tudo bem... Eles nada significam para mim”. Um orgulho radical pode agir, assim, como um freio sobre a vaidade porque, como disse há pouco, o demônio gosta de “curar” uma falta pequena dando outra maior. Devemos procurar não ser vaidosos, mas nunca devemos convidar o nosso orgulho para curar a nossa vaidade.

(2) Dizemos muitas vezes que fulano tem “orgulho” de seu filho, ou de seu pai, ou da sua escola, ou do seu regimento; a pergunta que surge agora é: “orgulho”, nesse sentido, é pecado? A resposta vai depender do que queremos dizer com a palavra “orgulho”. Muitas vezes empregamos esta palavra para dizer que “temos uma grande admiração de todo o coração”. Tal sentimento está muito longe de ser pecado. Mas pode acontecer que a pessoa em questão se ache muito

importante por um pai ilustre ou por estar num famoso regimento. Isso já é um erro; mas mesmo assim é melhor do que simplesmente ter orgulho de si mesmo. Amar e admirar algo que não seja a própria pessoa é recuar um passo da total ruína espiritual; todavia não estamos bem se amamos mais e admiramos mais alguma coisa que não Deus.

(3) Não se deve pensar que o orgulho seja algo que Deus proíbe porque o ofende, ou que a humildade seja algo que ele exige em função da sua própria dignidade, como se o próprio Deus fosse orgulhoso. Ele não está absolutamente preocupado com a sua própria dignidade. A questão é que Deus quer que o conheçamos, quer se dar a nós. E nós somos feitos de tal modo que, se realmente tivermos qualquer espécie de contacto com Deus, nós seremos, de fato, humildes, humildes e felizes, sentindo o infinito alívio de termos nos livrado de uma vez por todas da absurda bobagem de nossa própria dignidade, que nos fez ansiosos e infelizes por toda a vida. Deus procura fazer-nos humildes a fim de tornar possível este momento: procura tirar uma porção de tolas e feias fantasias com que nos enfeitamos, e ficamos empertigados como pequenos idiotas que somos. Eu mesmo gostaria de ter alcançado um maior grau de humildade, pois assim poderia expressar-me melhor sobre o alívio e o prazer de tirar a fantasia, de livrar-me do falso eu, com todos os seus “Olhem para mim” e “Não acham que sou uma boa pessoa?” e com todo o seu artificialismo e jactância. Conseguir chegar aí, apenas por um momento, é como um copo de água fresca no deserto.

[...] A quem queira adquirir a humildade, acho que posso ensinar-lhe o primeiro passo. É compreender que somos orgulhosos. E este é também um passo enorme. Bem, ao menos nada, nada mesmo, pode ser feito antes disso. se pensamos que não somos orgulhosos é sinal de que, na realidade, somos muito orgulhosos.

Extraído do livro *Cristianismo puro e simples* [título anterior: *Cristianismo autêntico*], de C. S. Lewis, ABU Editora S/C. Traduzido do original em inglês *Mere Christianity* Williams Colins Sons and Co. Ltd. Copyright © 1942 C. S. Lewis. De C.S.Lewis, *Mere Christianity*. Copyright © 1942 por C.S.Lewis Pte. Ltd. Extratos reproduzidos com permissão.

NUNCA ULTRAPASSADO

Como líder majoritário, [Lyndon B. Johnson] vibrava com a idéia de ser o primeiro legislador em Washington com telefone móvel. Quando Everett Dirksen, líder republicano minoritário e rival amigável, também adquiriu um, telefonou para a limusine de Johnson e disse que ligava de seu carro. “Pode esperar um minuto, Ev?”, perguntou Johnson. “Tenho outra ligação no meu outro telefone”.

— ROBERT DALLEK, BIÓGRAFO DE LYNDON B. JOHNSON

Sou extraordinariamente paciente – contanto que, no fim, eu ganhe o que quero.

— MARGARET THATCHER

SETE PECADOS CAPITAIS

Que tipo de pessoa você quer ser? Em que tipo de sociedade você quer viver? As pessoas nesse último século tiveram a triste oportunidade de presenciar atos terríveis de maldade – milhões de pessoas torturadas e assassinadas –, ao mesmo tempo em que muitos presenciaram obras fantásticas de coragem e compaixão, como estas: camponeses franceses protegeram os judeus dos nazistas; Martin Luther King Jr. lutou pelos direitos civis dos negros enquanto conclamava seus compatriotas a amar seus inimigos. Exemplos do bem e do mal estão ao nosso redor, mas muitas pessoas se perguntam se realmente existe qualquer padrão ético que sirva de alicerce para a vida.

Será que há algo verdadeiramente certo ou errado?

Para responder a essa pergunta, Os Guinness mergulhou na tradição ocidental dos sete pecados capitais e das sete virtudes encontradas nas bem-aventuranças de Jesus. *Sete pecados capitais: navegando através do caos em uma era de confusão moral* oferece reflexões de alguns dos melhores pensadores dos últimos dois mil e quinhentos anos sobre os maiores conflitos do coração humano: Tolstói, sobre a avareza; Nathaniel Hawthorne, sobre a inveja; o filósofo romano Sêneca, sobre a raiva; D. H. Lawrence, sobre a libertinagem. Outras obras também são citadas, como *Os miseráveis*, de Victor Hugo, a fim de retratar as virtudes que servem de contraponto para cada vício.

Shedd
publicações

Literatura que Edifica

ISBN 85-88315-45-9



9 788588 315457

Ética